

RESENHA

SOBRE MUSEUS, ARQUIVOS E DISCURSOS:
SENTIDOS EM FUNCIONAMENTOKelly Fernanda Guasso da Silva¹Thaís Costa da Silva²Fidah Mohamad Harb³

VENTURINI, Maria Cleci; RASIA, Gesualda dos Santos (org.). *Museus, arquivos e discursos: funcionamentos e efeitos da língua, da memória e da história*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

O livro *Museus, arquivos e discursos: funcionamentos e efeitos da língua, da memória e da história*, organizado por Maria Cleci Venturini e Gesualda dos Santos Rasia, é resultado do II Colóquio Internacional *Museus e Lugares de Memória no/do espaço urbano* e da II Jornada de Estudos do Discurso: *Língua, História e Memória*, sendo um gesto de parceria entre as instituições UNICENTRO e UFPR. A obra contém dezesseis capítulos, os quais se apresentam em dois blocos e um entremeio: bloco I - *A historicidade dos museus, os funcionamentos, a memória e o político, Nos entremeios...* e bloco II - *A cidade como memória e constituição identitária: ainda o político*.

No bloco I, em *Museus em (dis)curso na/por uma história de “nunca acabar”*, Maria Cleci Venturini estabelece conexões entre o(s) museu(s), o tempo e o discurso ao retomar a “relação de nunca acabar” proposta inicialmente por Indursky e Ferreira (2005) no primeiro Seminário de Análise de Discurso, ocorrido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2004. Considerando o espaço museológico, Venturini problematiza os processos discursivos que representificam o “ausente” ao mostrar que o Museu Érico Veríssimo (localizado em Cruz Alta, RS) e o Museu Visconde de Guarapuava (localizado em Guarapuava, PR), por exemplo, centram-se em imaginários sobre os sujeitos e sobre as cidades, enquanto o Museu Histórico de Entre Rios (localizado em Guarapuava, PR) centra-se na etnia e na construção de uma nova pátria; já o Museu do Pinhão (localizado em Pinhão, PR) guarda memórias da cidade. Ademais, a autora lança a possibilidade de apreender Coimbra como uma cidade-museu, sobretudo por ser um espaço prenhe de acontecimentos históricos. Focando no projeto de pesquisa intitulado *História, memória e espaço público em (dis)curso: narrativas museológicas*, são tecidas perspectivas e alguns resultados a partir do estudo do/no Museu Paranaense e do/no Museu do Holocausto.

¹ Doutora em Estudos Linguísticos – UFSM. Integrante do Laboratório Corpus/ PPGL/UFSM e do Grupo de Estudos Pallind - Palavra, Língua e Discurso.

² Doutoranda em Estudos Linguísticos – UFSM. Professora de Língua Portuguesa e Redação na Rede Privada de Santa Maria - RS

³ Mestra em Estudos Linguísticos – UFSM.

Em “Entre aspas”: dos gritos... das gotas d’água... navegando por um percurso memorial”, Elivelton Assis Krümmel e Verli Petri falam sobre o discurso memorial a partir do Museu do Holocausto e da exposição “Entre aspas”, ocorrida ao longo do mês de outubro de 2019, na Sala de Exposições Nelson Ellwanger, no Centro de Documentação e Memória da UFSM - Silveira Martins. Nesse trajeto, tendo em vista a metáfora da gota d’água - que pela constância pode causar sulcos em uma pedra ou, ainda, unida a muitas outras pode preencher um oceano -, é recuperada a figura do “porta-voz” (PÊCHEUX, 1990, p. 17), aquele que possibilita a manutenção de uma memória, neste caso, sobre a Shoá (em nota, os autores pontuam que os judeus preferem o termo Shoá porque significa “calamidade”, já o termo “holocausto” remete à prática da incineração enquanto castigo aos pecadores). É preciso fazer lembrar, é necessário trazer para perto e colocar em funcionamento saberes sobre o Holocausto, cada gota d’água tem sua importância no percurso da memória. Nesse movimento, o Museu do Holocausto propõe uma forma de compreender o genocídio ocorrido nos campos de concentração, na Alemanha, através das possíveis relações entre história e ensino, passível de pesquisas, estudos e ensinamentos. Já a exposição “Entre aspas” - até mesmo por seu caráter itinerante, ao conectar passado, presente e devir -, sugere a reflexão de que cada sobrevivente pode ser um porta-voz que compartilha seus testemunhos, fala de si e representa um lugar daqueles que foram silenciados.

Em “Discurso, memória e arquivo: um museu e suas 111 versões”, Débora Massmann toma o museu enquanto objeto de estudo e, partindo do que já propuseram outros analistas de discurso - como Venturini (2009; 2017), Sobrinho (2011), Orlandi (2014), Muñoz, Petri e Branco (2017), para citar alguns -, promove um deslocamento ao considerar o museu em sua discursividade. Massmann afirma que os museus e todos os materiais que os compõem são artefatos simbólicos e políticos e, assim, importantes espaços de produção de sentidos que demandam gestos de leitura e interpretação do(s) sujeito(s). De acordo com a autora, nesse caminho, a noção de arquivo é fundamental: o arquivo é tomado enquanto “documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (PÊCHEUX, 2014, p. 59). Ao trazer para discussão o Museu Penitenciário Paulista (MPP), inaugurado no ano de 2014, localizado na Avenida Záci Nárchi, n. 1270, zona norte de São Paulo, a autora entende a textualização do funcionamento do político na linguagem pelo modo como se inscreve no espaço urbano, já que nesse endereço, onde hoje é o museu, antigamente abrigava o Complexo Penitenciário do Carandiru, espaço de acontecimentos trágicos. Há, portanto, ali uma memória sobre a cidade de São Paulo que se mantém e também que se atualiza. Massmann nos mostra que prevalece no MPP um discurso autoritário - na recepção dos visitantes com a “Chuva de palavras”, na seção “Memória Oral”, no painel “Linha do tempo” -, contudo, as vozes silenciadas dos 111 detentos assassinados no Carandiru repercutem de outras maneiras, elas ressoam justamente por serem silenciadas.

Em “Museu Nacional e do Amanhã: a memória de uma nação?”, de Dantielli Assumpção Garcia, Lucília Maria Abrahão e Sousa e Matheus Henrique Dias Gomes, temos a problematização do museu. Inicialmente os autores destacam como são nomeados os museus e como tais nomes implicam efeitos de memória - “Museu do Amanhã”, “Museu da Empatia” e “Museu Nacional”; há também, o “Museu da Inocência”, o “Museu do Esquecimento”, o “Museu da Saudade”, o “Museu do Ontem”, o “Museu da Imaginação”, o “Museu do Inconsciente”, o “Museu do Medo” etc. Dessa lista, os autores analisam o “Museu do Amanhã” e o “Museu Nacional” para problematizar os lugares de memória e como, no Brasil, isso se dá efetivamente. Os museus são lugares de guarda da história e da memória; são espaços que podem arquivar acervos, documentos e, para além disso tudo, suscitam gestos de interpretação:

são narrativas do passado que atualizam uma ausência. O Museu Nacional, criado em 06 de junho de 1818, localizado no Rio de Janeiro, que guardava arquivos que remontavam à chegada da família real portuguesa, bem como fósseis e acervos paleontológicos, foi tomado pelo fogo no ano de 2018, quando completava 200 anos de existência, graças à negligência do Estado - que cortou verbas e investimentos. Paralelo a isso, o Museu do Amanhã foi inaugurado em 2015, na cidade do Rio de Janeiro, tendo como proposta lançar uma nova era de museus no Brasil - voltado para o digital e para as inovações científicas e tecnológicas: recebendo de “alguns parceiros” apoio econômico, científico e logístico (justamente o que faltou ao Museu Nacional). Esses dois museus atualizam efeitos de memória e nos mostram formas singulares de o urbano administrar os sentidos sobre a cidade, sobre os sujeitos e sobre o arquivo.

Em “Memória, espaço e sujeito na compreensão do museu digital”, Cristiane Dias propõe-se a pensar os museus a partir da questão: “o que é produzir tecnologia nas ciências da linguagem?”. A autora considera o desenvolvimento do projeto MeDiA - Memória, Discurso e Arquivo para refletir sobre a materialização do processo de construção de tecnologias de linguagem, sobretudo tomando o trabalho no Museu Digital de Leitura (MDL). Partindo do imaginário sobre o que é um museu, o MDL guarda imagens, vídeos, textos, áudios de leituras de sujeitos, privilegiando a noção de “com-posição”, ou seja, de mostrar o processo de leitura: o sujeito compõe o objeto a ler. Nesse viés, Dias retoma dois museus que surgiram na Pandemia do Coronavírus: o Covid Art Museum - composto de obras como pinturas, ilustrações, fotografias e vídeo-artes publicados(as) diariamente, de maneira colaborativa - e o Museu do Isolamento Brasileiro - criado para difundir produções artísticas durante o isolamento social imposto pela pandemia. Esses museus digitais propõem a reflexão não só sobre a memória e o não-esquecimento, mas também sobre a noção de discurso digital em sua relação com o sujeito, a linguagem e o mundo. Nessa perspectiva, de acordo com a autora, em condições de produção específicas, a circulação pelo digital se apresenta a nós como o lugar mais ou menos estável da necessidade e amplia as possibilidades de se apreender o museu.

Em “Memória social e discursiva de um espaço-museu a céu aberto”, de Tatiana Barbosa de Sousa e Maria Cleci Venturini, em um primeiro movimento, as autoras lançam um olhar analítico sobre o Instituto Inhotim (Bramadinho/MG), destacando considerações sobre a estrutura, organização e discursivização. As autoras buscam compreender como os sentidos sobre o espaço são produzidos a partir do modo como o Instituto materializa os sentidos para sujeitos. Em um segundo movimento de leitura, Sousa e Venturini tomam como objeto discursivo uma das obras de Adriana Varejão e realizam a análise de *Celacanto provoca Maremoto*. Essa pintura barroca faz repercutir a memória da colonização portuguesa sobre a América, sensibilizando seus sujeitos-visitantes e destacando possibilidades de discussões outras - extermínio, história, lendas e ditadura -, que não estão ali representadas, mas que, ao mesmo tempo, clamam pelo que não está dito, não está posto, dando visibilidade às vozes silenciadas e apagadas.

Esse primeiro bloco ainda conta com a subdivisão intitulada *Nos entremeios...*, composta pelo artigo “Puxando fios sintático-discursivos para pensar o ensino de gramática”, de Solange Mittmann. No texto, a Professora propõe reflexões sobre as diferentes perspectivas teóricas das fundações da gramática da língua (o português do Brasil). Nesse sentido, de acordo com a autora, as primeiras gramáticas foram encontradas em Portugal, no século XVI: A *Gramática de linguagem portuguesa*, publicada em 1536, de Fernão Oliveira - primeira gramática da Língua Portuguesa -, resulta como símbolo de identidade política e delimitação territorial entre Portugal e Espanha; ademais, como instrumento de catequização, dominando outros povos. Já a **Gramática da língua portuguesa**, publicada por João de Barro, em 1940, é considerada a

primeira gramática normativa brasileira, ela segue as regras das gramáticas grega e latina - que objetivam o modo certo de falar e escrever. A **Gramática Portuguesa**, de Júlio Ribeiro, é uma das mais importantes do século XIX, pois desfaz a aparente unidade da/na língua de Portugal, propondo uma possibilidade de unificação nacional. A **Nova gramática do português contemporâneo**, de Cunha e Cintra, é descrita com base em dois fatores: (i) “a perspectiva de uma unidade que abarca uma diversidade” e (ii) a “tomada dos modos de dizer de escritores como exemplos do bem dizer”. Nessa direção, a Professora, filiada à Análise de Discurso, de Michel Pêcheux, defende uma abordagem de estudo que considera aspectos discursivos, enunciativos, condições de produção e formulações, buscando, no ensino de gramática, ir além do contexto linguístico e da análise de frases.

Em “Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas: perscrutando conceitos”, Vanise Medeiros traz importantes questões sobre os glossários. As reflexões da autora, que mobiliza e observa as noções de transmissão e transferência, partem das seguintes inquietações: (i) a relação incontornável, no Brasil entre a Análise de Discurso e a História das Ideias Linguísticas e (ii) a relação entre glossário e conhecimento, para compreender e adentrar as relações desse objeto técnico e suas relações. A Professora toma para estudo dois glossários diferentes: o **Dialeto Caipira**, de Amadeu Amaral (1920), importante obra do século XX que introduziu os estudos dialetológicos e fez parte dos estudos de linguagem até o século XXI; e **A Carne**, o Glossário de Júlio Ribeiro (1888), que contém quarenta e um verbetes com definições e exemplos, é encontrado na primeira (1888) e segunda (1896) edições, mas não se encontra na edição publicada em 1972. Pensando que os glossários exercem um papel fundamental à transmissão e à transferência no conhecimento - para o processo de disciplinarização -, Medeiros mostra que o Glossário de Ribeiro não parece colaborar nesse processo, pois vários dos seus verbetes não são encontrados em dicionários anteriores.

Em “O corpo do ator como arquivo: lugar de memória e posição política”, Nádia Neckel propõe um movimento pendular entre a prática técnica e a prática teórica ao modo pecheuxtiano, buscando observar, nos exercícios expressivos de experiência corpórea, os processos de leitura/atuação corporal enquanto artefato de linguagem. Este texto foi escrito para o evento na Unicentro-PR, naquele momento a autora se propunha a discutir arquivos fluídos. Neckel se dedica à leitura, descrição e interpretação de um acontecimento sócio-político-artístico em particular, pensando-o enquanto uma performance contemporânea: a “performance virtual” e midiática do ator Zé de Abreu quando da sua autoproclamação de Presidente da República Federativa do Brasil, em fevereiro de 2019, pela plataforma *Twitter*. Nesta pesquisa, a autora considera o corpo enquanto materialidade tanto em sua dimensão estético-artística, quanto em sua dimensão discursiva histórica-social.

Em “Dois tempos: o presente e a memória nos textos de Milton Hatoum”, Valdir Prigol reflete sobre a leitura de textos literários do escritor brasileiro contemporâneo Milton Hatoum, sobretudo a partir do livro **Relato de um certo oriente**. Uma das grandes questões desses textos são as narrativas criadas por narradores “órfãos”, que constituem suas vidas conectadas à vida de outras pessoas, e, assim, aproximam dois tempos: o tempo presente e o tempo da memória. Prigol, para refletir sobre essa conexão de dois tempos, aproxima o texto de Hatoum, num primeiro momento, com os textos *Um inseto sentimental*, *Cinzas do Norte* e *Órfãos do Eldorado*. Num segundo momento, associa suas reflexões aos textos *Seduzidos pela memória*, de Andreas Huyssen; *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; *São Bernardo*, de Graciliano Ramos; e *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa. O autor nos mostra que essa “tentativa” de conectar presente e memória, às vezes, é que permite aos narradores compreenderem suas próprias vidas.

No bloco II, em “Recorrido discursivo por el Archivo Histórico Provincial de Cádiz (España), marcado por las relaciones entre archivo, territorio y memoria / Percurso discursivo pelo Archivo Histórico Provincial de Cádiz (Espanha), marcado pelas relações entre arquivo, território e memória”, Bruna Cielo Cabrera e Juan Manuel López Muñoz partem da proposta inicial de investigar o *Archivo Histórico Provincial de Cádiz*, localizado na Espanha, como parte dos resultados obtidos com o Programa Institucional de Internacionalização da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Nível Superior - CAPES/PRINT- Doutorado Sanduíche no Exterior. Os autores tomam como *corpus* de análise as materialidades discursivas presentes no *Archivo Histórico Provincial de Cádiz*, especificamente, a etiqueta fixada na parede externa e na porta, compreendidos como espaço institucional, explicitando ao leitor que tal proposta se dá a partir de um obstáculo: em decorrência da pandemia causada pela covid-19, o *Archivo* foi fechado e o trabalho que estava sendo desenvolvido precisou ser suspenso, foi preciso andar em outra direção. A porta fechada instigou a se pensar sobre o espaço de dentro e o espaço de fora, para além do material que lá está guardado (do lado de dentro). Nesse caminho, o conceito de “arquivo”, tomado a partir de Pêcheux (2014) como objeto discursivo, foi pensado então como um “recurso” ao pesquisador (JULLIEN, 2016), ou seja, como possibilidade de interpretação da cidade e dos espaços públicos que são parte estruturante do político da/na produção de sentidos. Assim, pela visada de Cabrera e Muñoz, entendemos que a memória do/sobre o *Archivo* não pode ser contida em muros ou em portas fechadas, ela está em funcionamento e em movimento mesmo quando parece não estar.

Em “Entre identificações e apagamentos: os sentidos de duas estátuas no espaço urbano de Guarapuava-PR”, Maria Cláudia Teixeira e André Fernandes refletem sobre os modos como a memória inscreve a história no acontecimento discursivo. Os autores tomam como *corpus* de análise duas estátuas erigidas no espaço urbano de Guarapuava (Paraná): a estátua de Diogo Pinto de Azevedo Portugal e a do Cacique Guairacá, ambas representando figuras ligadas à história da cidade. Teixeira e Fernandes, inscritos no viés discursivo, mostram como, pelo funcionamento da memória, a história se inscreve no acontecimento comemorativo e como os sentidos dessas estátuas produzem identificações para o sujeito guarapuavano. Além disso, refletem sobre as diferentes inscrições da memória no acontecimento comemorativo, observando o apagamento do caráter político das relações estabelecidas entre os sujeitos históricos.

Em “A memória da cidade - texto em João do Rio”, Maria Salete Borba retoma um trabalho iniciado há um ano e que, devido à pandemia causada pela covid-19, demanda um novo olhar para as ruas, que estão vazias. A autora, acompanhada das reflexões sobre a semiologia da cidade - realizadas pelo crítico e filósofo francês Roland Barthes em **Semiologia e Urbanismo** - busca fazer uma breve leitura do livro **As almas encantadas das ruas**, de João do Rio, especificamente, considera algumas das passagens em que o escritor carioca lê a cidade como um texto aberto. Assim, conforme foi apresentado por João do Rio e reivindicado por Roland Barthes, Borba considera que ler a cidade enquanto texto permite ao homem fazer uso consciente de tal espaço, trazendo as memórias de uma época.

Em “Sob o olhar de mnemosine: o caráter fetiche na/da escravidão no museu”, Marilda Aparecida Lachovski pensa a construção e o funcionamento do “mito da harmonia racial” ressignificada nos museus. A autora observa os modos como a repetição de uma pretensa harmonia produziu, ao longo do tempo, duas modalidades de entendimento da escravidão. Lachovski coloca em funcionamento a relação entre memória e história, que permeia a construção e narratividade do objeto escravidão nos museus brasileiros, fazendo o percurso histórico dos museus e suas funções no Brasil, bem como as mudanças e permanências de

sentidos sobre a escravidão no Brasil.

Em “A mostra que oculta: memória e esquecimento sobre o negro na constituição da identidade paranaense”, Gesualda dos Santos Rasia, Lígia Negri e Tattiane Valéria Rogério Carvalho buscam compreender, a partir das Exposições “Memória das Ruas – Retratos dos Personagens de Curitiba” e “Presença Negra em Curitiba”, ambas situadas em Curitiba-Paraná, quais efeitos de sentido as diferentes discursividades produzem acerca da presença negra na constituição do imaginário - na fundação da memória - sobre a cidade de Curitiba e do Estado do Paraná. Além disso, amparadas na Análise do Discurso como aporte teórico, com ênfase nas categorias de sujeito, sentido, memória e lugar de memória, as autoras refletem sobre como tais espaços de contradição se produzem e como ressoam na contemporaneidade.

Este breve passeio que fizemos pelos textos do livro **Museus, Arquivos e Discursos: funcionamentos e efeitos da língua, da memória e da história** fica, na verdade, como um convite para o leitor nos acompanhar e, com isso, saber um pouco mais sobre temas tão caros aos estudiosos do discurso.

Referências

- ORLANDI, Eni Puccinelli. Discursos e museus: da memória e do esquecimento. *Entremeios*: revista de estudos do discurso, vol. 9, jul/2014. Disponível em <http://www.entremeios.inf.br>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. Tradução de José Horta Nunes. *Caderno de estudos linguísticos*, n. 19, pp. 9-24, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. *Gestos de leitura: da história no discurso*, 4 ed. Campinas: Pontes, 2014.
- SOBRINHO, José Simão Silva. *A língua é o que nos une: língua, sujeito e Estado no Museu da Língua Portuguesa*. 2011, 133 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- VENTURINI, Maria Cleci. *Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração*. Passo Fundo/RS: Editora da UPF, 2009.
- VENTURINI, Maria Cleci. História e memória em (dis)curso: Fernando Catroga e a poética da ausência. *Revista Interfaces*, n. 08, vol. 04, 2017, pp. 127-145.

Recebido em: 19/07/2021

Aceito em: 27/10/2021